

STUDIA IBERYSTYCZNE

**Portugalia, Brazylia, Afryka
Wokół Vergílio Ferreiry**

* * *

**Portugal, Brasil, África
Em torno de Vergílio Ferreira**

STUDIA IBERYSTYCZNE

nr 9

Redakcja pisma „Studia Iberystyczne”

Anna Sawicka (redaktor naczelny i sekcja katalońska)

Maria Filipowicz-Rudek (sekcja galicyjska)

Anna Rzepka (sekcja portugalska)

Ewa Nawrocka (sekcja iberoamerykańska)

Rosanna Krzyszkowska-Pawlik (sekretarz redakcji)

Rada naukowa / Comité Científico

Beata Baczyńska, Uniwersytet Wrocławski (Polska/Polonia)

Marek Baran, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Jerzy Brzozowski, Uniwersytet Jagielloński (Polska/Polonia)

Arturo Casas, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Ubaldo Cerezo Rubio, Universidad de Alcalá (Hiszpania/España)

Juan de Dios Luque Durán, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Silvia Kaul, Universidad Nacional de Rio Cuarto (Argentyna/Argentina)

Margarita Llitas, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Gilles Luquet, Université Paris III, La Sorbonne Nouvelle (Francja/Francia)

Wacław Nowikow, Uniwersytet Łódzki (Polska/Polonia)

Antonio Pamies Bertran, Universidad de Granada (Hiszpania/España)

Janusz Pawlik, Uniwersytet im. A. Mickiewicza w Poznaniu (Polska/Polonia)

Ramon Pinyol, Universitat de Vic (Hiszpania/España)

Bogdan Piotrowski, Universidad de la Sabana (Kolumbia/Colombia)

Klaus Pörtl, Johannes Gutenberg Universität Mainz (Niemcy/Alemania)

Emilio Ridruejo, Universidad de Valladolid (Hiszpania/España)

Elżbieta Skłodowska, Washington University in Saint Louis (USA/EE.UU.)

Francisco Torres Monreal, Universidad de Murcia (Hiszpania/España)

Alejandro Veiga, Universidad de Santiago de Compostela (Hiszpania/España)

Joan Ramon Veny Mesquida, Universitat de Lleida (Hiszpania/España)

Joanna Wilk-Racięska, Uniwersytet Śląski (Polska/Polonia)

PORTUGALIA, BRAZYLIA, AFRYKA

Wokół Vergílio Ferreiry

*** * ***

PORTUGAL, BRASIL, ÁFRICA

Em torno de Vergílio Ferreira

Pod redakcją:
ANNY RZEPKI
NATALII CZOPEK



Księgarnia Akademicka
Kraków 2010

Copyright by Instytut Filologii Romańskiej Uniwersytetu Jagiellońskiego

Recenzenci:

prof. dr Regina Przybycień, Universidade Federal do Paraná, Brazylia
dr hab. Jerzy Brzozowski, prof. UJ

Konsultacja językowa: Ana Wąs-Martins

Korekta: Joanna Milek

Skład i łamanie: Małgorzata Manterys-Rachwał

Projekt okładki: Igor Stanisławski

Publikacja dofinansowana przez
Wydział Filologiczny Uniwersytetu Jagiellońskiego
oraz Instytut Camõesa w Lizbonie

A publicação co-financiada pela Faculdade de Letras
da Universidade Jagellónica e o Instituto Camões em Lisboa



ISSN 2082-8594

KSIĘGARNIA AKADEMICKA

ul. św. Anny 6, 31-008 Kraków
tel./faks: 012 431-27-43, 012 663-11-67
e-mail: akademicka@akademicka.pl

Księgarnia internetowa:
www.akademicka.pl

ÍNDICE

Od redakcji.....	7
Nota da redação.....	9

LINGUÍSTICA

Henrique Barroso: O <i>progressivo</i> no português europeu de hoje: expressão, combinatória e variação.....	13
Natalia Czopek: Algumas observações sobre o futuro do conjuntivo português e <i>futuro de subjuntivo</i> espanhol.....	35
Przemysław Dębowiak: As cores nos nomes de lugares habitados em Portugal	49
Denise Gomes Dias: Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística.....	65
Barbara Hlibowicka-Węglarz: Para compreender a situação linguística em Moçambique	77
Edyta Jabłonka: Tempos futuros na língua portuguesa e os seus equivalentes em polaco	87
Justyna Wiśniewska: Os equivalentes polacos da perífrase verbal <i>estar+a+infinitivo</i>	101

LITERATURA

Mário J. Aires dos Reis: O tópico do <i>tempus fugit</i> em <i>Em Nome da Terra</i> de Vergílio Ferreira.....	115
Isabel Araújo Branco: A animalidade do homem em contos de Miguel Torga	127
Fabiane Renata Borsato: Morte na antilírica de João Cabral de Melo Neto.....	141

Robson Coelho Tinoco: Poesia brasileira (ex-cêntrica): marcas de um neorromantismo contemporâneo.....	155
Regina Dalcastagnè: A cor de uma ausência: representações do negro na narrativa brasileira contemporânea	169
Renata Díaz-Szmidt: O universo feminino na poesia das mulheres angolanas no início do século XXI	185
Anna Kalewska: Vergílio Ferreira, Camões, Platon i inni, czyli o odzyskiwaniu utraconych znaczeń w kulturze nowożytnej Europy	201
Violante F. Magalhães: Uma leitura de <i>Vagão 'J'</i>	221
Ana Bela Morais: Amor e violência na obra de Vergílio Ferreira	233
Jerusa Pires Ferreira: Fernando Pessoa e os Santos Populares	245
João Ribeirete: Jogar a vida com a morte em <i>A Noite e o Riso</i> de Nuno Bragança, <i>Alegria Breve</i> de Vergílio Ferreira e <i>O Sétimo Selo</i> de Ingmar Bergman	251
Monika Świda: Fernando Pessoa e o saudosismo de Teixeira de Pascoaes.....	265
Anna Wolny: Passando pelas portas entreabertas – Jorge Barbosa: <i>Carta para Manuel Bandeira</i>	291

VARIA

Marcos Nunes de Vilhena: <i>Portugalczyk Osculati</i> – fazer um português ou <i>fazer de português</i> na Polónia?	307
Jolanta Rękawek: Mais perto do samba do que da valsa: Glauber Rocha e o Cinema Novo.....	327

Denise Gomes Dias
Universidade Estadual de Feira de Santana

Sobre artes, ofícios e linguagem: notas sobre uma abordagem etnolinguística

Resumo:

Esta é uma breve abordagem etnolinguística em que são considerados alguns condicionamentos sócio-culturais que interferem na configuração semântico-lexical do uso lingüístico dos trabalhadores de estaleiros no Baixo Sul da Bahia, Brasil. Os dados analisados demonstram que a linguagem dos mestres e carpinteiros navais é fortemente marcada pela dinâmica das transformações por que passou a atividade no curso da História. Verificou-se, ainda, que o sentido que o trabalho tem para quem o exerce e as formas como os sujeitos captam e se relacionam ao seu ambiente determinam valores de designações próprias do seu universo laborativo. Essas considerações, fundamentadas nos aportes da Etnolinguística, podem interferir na compreensão e descrição dos fenômenos lingüísticos, notadamente no âmbito léxico-semântico, na pesquisa dialetal contemporânea.

Palavras-chave: etnolinguística, linguística antropológica, linguagem e cultura, dialectologia do português, semântica lexical.

Abstract:**Arts, professions and language: notes on an ethnolinguistic approach**

This is a brief ethnolinguistic approach to naval carpenters communities from the South of Bahia, Brazil. Lexical semantic aspects of the linguistic use are analyzed as reflexes of sociocultural practices and models. The data demonstrate that the language of the masters and naval carpenters is highly influenced by modifications they have gone through in their history. It is also assumed that the meanings labour has for those who perform it and the way the subjects are related to their environment strongly interferes in their speech. The study may also contribute to the consolidation of the Ethnolinguistics as a useful framework to the analysis of lexical semantic phenomena in contemporary dialectological research.

Keywords: ethnolinguistics, anthropological linguistics, language and culture, portuguese dialectology, lexical semantics.

Por ser uma disciplina recente, a Etnolinguística tem motivado uma certa confusão terminológica, o que se deve, em grande parte, à consideração do seu objeto como o “aspecto cultural do uso da língua” ou, ainda, o aspecto “antropológico da língua”. Esse foi, precisamente, um dos obstáculos enfrentados quando comecei a minha incursão sobre trabalhos que se diziam no âmbito dessa disciplina: a amplitude, e, até, vagueza de definições que a entendem como o estudo da linguagem em relação com a civilização e a cultura das comunidades de falantes. É freqüente, em razão disso, a alternância do emprego dos termos “Etnolinguística”, “Linguística Antropológica” ou “Antropologia Linguística”, dentre outros (Duranti, 1997; Foley, 1997).

Em Velarde (1991) encontra-se, justamente, uma discussão que pretende atenuar a lacuna teórica dessa disciplina. Diz esse autor que alguns trabalhos nesse campo, para ele uma ciência interdisciplinar, têm considerado como seu objeto de estudo as relações entre as estruturas idiomáticas e os povos que se expressam segundo as suas pautas.

Esse autor adota as distinções estabelecidas por Coseriu¹ numa monografia de caráter programático em que discute os fundamentos

¹ Essa discussão foi objeto da conferência de abertura do 1º Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, realizado em João Pessoa, Brasil, em 1978.

e as tarefas da Sócio e da Etnolinguística, considerando que, até então, os estudos ditos etnolinguísticos se tinham desenvolvido de forma casual, segundo o interesse ocasional de alguns linguistas, voltados para fatos que lhe chamassem mais atenção. Como marco desse tipo de interesse, Coseriu situa o programa da escola *Wörter und Sachen* e os estudos da Geografia Linguística, que se concentravam na relação da língua (em particular, o léxico) e a cultura material.

O texto de Coseriu tem, nesse sentido, o propósito claro de ampliar e completar a Etnolinguística até que coincida com uma Linguística que estude em sua totalidade a contribuição do conhecimento das coisas à configuração e ao funcionamento da linguagem.

Em primeiro lugar, faz-se necessário distinguir a Sociolinguística da Etnolinguística: enquanto a primeira (uma disciplina linguística e não sociológica) se ocupa do estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades de falantes, a segunda (uma disciplina linguística e não etnológica ou etnográfica) se dedica ao estudo da variedade e da variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

Para o estudo da múltipla e íntima vinculação entre linguagem e cultura, é de fundamental importância distinguir se o ponto de partida é a *linguagem* ou a *cultura*; isto é, se o estudo trata da interpretação cultural de uma língua ou da expressão idiomática de uma cultura.

Além disso, em acordo com a orientação de Coseriu, a abordagem da relação entre língua e cultura pode caminhar por três diferentes dimensões: considerando-se a linguagem como uma forma fundamental da cultura; assumindo-se que a linguagem reflete a cultura não linguística, manifestando os saberes, as idéias e crenças acerca do conhecido; e compreendendo-se que não se fala somente por meio da utilização da “competência linguística”, mas também através da “competência extralinguística” – com os saberes, idéias, crenças

Utilizo aqui cópia mimeografada da conferência proferida pelo célebre linguista, naquela ocasião. Velarde toma como referência o mesmo trabalho de Eugenio Coseriu, publicado sob o título *La socio- y la Etnolinguística: sus fundamentos y sus tareas*, “Anuario de Letras”, vol. 19, p. 5-29.

sobre as coisas que, por sua vez, influenciam a expressão linguística e a determinam de alguma maneira.

Desses três sentidos diversos da relação linguagem-cultura, são os dois últimos, segundo Coseriu, que justificam racionalmente a Etnolinguística. Seguindo por essa perspectiva, concordamos que as línguas existem e se desenvolvem não somente em virtude das relações internas, estruturais de seu sistema, mas também, e, sobretudo, em relação com outros fenômenos sociais e da esfera do espírito humano. Contudo, é preciso assinalar que as línguas não se limitam a receber, passivamente, e refletir a cultura extralinguística. Essa relação é, em geral, dialética, já que a língua influi sobre os indivíduos de maneira não muito diversa das leis e dos costumes que interferem, por sua vez, na cultura, motivados por razões histórico-sociais.

Faz-se, nesse ponto, fundamental a distinção entre o *saber idiomático*, estritamente lingüístico e o *saber acerca das coisas*, no plano extralingüístico. Por exemplo, lembrando aqui o conceito de “relação associativa” formulado por Saussure (1987) [1916], a palavra *boi* pode se associar semanticamente a *vaca*, *touro*, como também a *cornos*, *ruminar*, *mugir*; mas também a *arado*, *jugo*, ou ainda a *força*, *resistência*, *trabalho árduo*, etc. É fácil perceber que algumas dessas associações (*vaca*, *touro*) são idiomáticas, enquanto outras são próprias da comunidade que compartilha uma experiência e uma atitude análoga frente ao fato em questão. Algo similar, diz Velarde (1991), pode ser constatado nas diversas associações do animal “cachorro” em distintas comunidades lingüístico-culturais. Para os esquimós, os cães são animais de trabalho; para os persas, são sagrados; para os hindus, são animais depreciáveis e para nós, ocidentais, os cães são animais domésticos.

Em linhas gerais, portanto, as palavras terminologizadas possuem uma designação muito determinada em função do sistema conceitual que integram, e esse marco conceitual em que estão integradas lhes proporcionam a determinação contextual necessária para saber-se em que sentido interpretá-las.

Na Linguística, temos um exemplo modelar de como as terminologias não escapam desse fenômeno. Sabe-se que a escola neogra-

mática, seguindo a tendência positivista de sua época, considerava os fatos da língua tomando “emprestados” conceitos das ciências naturais, daí podermos observar, em sua terminologia, o emprego de expressões do tipo: ‘nascimento ou morte de uma língua’, ‘vida das línguas’, ‘línguas-mãe’, ‘línguas irmãs’, ‘família de línguas’, ‘parentesco lingüístico’, etc.

O que vemos, portanto, é que essas associações não são gratuitas; antes, refletem a ideologia de quem as produziu. Esses campos de imagens seguem uma tradição e são muito bem estruturados e pertencem à imagem lingüística do mundo e de uma cultura.

A abundância ou escassez de distinções semânticas, por sua vez, são reflexos dos interesses, necessidades e ocupações de uma comunidade por uma determinada esfera de sua realidade. Os temas que provocam grande interesse ou se relacionam com atividades freqüentes dos grupos podem atrair maior número de sinônimos, de modo que a uma variedade de experiência corresponde quase sempre uma variedade também na segmentação lingüística da realidade – uma experiência de grande complexidade dá lugar a uma organização semântica de análoga complexidade.

Essa perspectiva, no entanto, não deve sugerir o equívoco de se considerar as intrincadas relações entre linguagem e cultura como simples correlação de fatos: não existe correlação imediata e necessária entre fatos culturais e fatos lingüísticos. Nesse âmbito não caberia uma interpretação teleológica, mas o entendimento de que esses fatos se influenciam reciprocamente.

Por outro lado, as transformações em uma língua não são outra coisa que não uma reestruturação, fruto da necessidade de manter distintos os saberes que se devem conservar e de distinguir os novos, que vão se consolidando como patrimônio lingüístico e cognitivo de uma comunidade.

Em suma, retomando a noção coseriana, à *Etnolingüística* corresponderia o estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos “saberes” (idéias, crenças, concepções, ideologias) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto *fato real*. Assim,

por exemplo: de que modo uma determinada organização léxica corresponde a um tipo determinado de experiência e conhecimento intuitivo do real? No caso da linguagem, que palavras tem uma língua para nomear fatos de linguagem e qual é a organização léxica de tais palavras? ; no caso da estratificação social, que palavras tem uma língua para nomear condições sociais e em que relações semânticas se encontram essas palavras umas com as outras? Afinal, em que domínios da experiência há concentração (ou, ao contrário, escassez) de distinções semânticas?

Ilustro estas reflexões com dados de pesquisa desenvolvida entre 1999 e 2004, em estaleiros rústicos de construção naval no Baixo Sul, interior do estado da Bahia, Brasil. Na investigação, de natureza etnolinguística, estudei os condicionamentos socioculturais que interferem na configuração semântico-lexical do uso lingüístico dos carpinteiros navais. Verifiquei, por exemplo, que o sentido que o trabalho tem para quem o exerce e as formas como os sujeitos captam e se relacionam ao seu ambiente, tudo isto fica impresso em sua linguagem.

Particularmente, discuto aqui algumas intersecções entre os modelos socioculturais vigentes e o âmbito semântico-lexical, no que se refere à compreensão local para a designação “Mestre”². Os significados são aqui interpretados à luz das complexas redes de relações entre os próprios sujeitos; entre os sujeitos e os mecanismos sociais a eles impostos; entre o vocabulário específico da carpintaria naval e a língua comum; entre os sujeitos, numa dimensão diatópica; e entre os sujeitos e os esquemas operacionais de sua atividade laborativa.

Pelo que pude perceber nas entrevistas, o *status* de **Mestre** é algo que, para ser conseguido, demanda o preenchimento de alguns requisitos. Em primeiro lugar, o **Mestre** é o responsável, mediante o proprietário da futura embarcação, pela sua construção. É a ele que se dirige um cliente, quando chega a um estaleiro para encomendar o seu barco. Embora ele necessite delegar muitas tarefas, e dependa de ser-

² As designações ‘Mestre’ e ‘Arte’ são grafadas com iniciais maiúsculas em reverência aos significados que essas formas assumem nas comunidades de carpinteiros navais.

viços, sobretudo de acabamento, bastante especializados, ele chama para ele a responsabilidade total pelos erros e acertos de suas obras³:

(05) O responsável sou eu, eu não posso confiar em ninguém, porque o nome que tá em jogo é o meu. (Mestre Waltinho)

(06) Porque ele [o carpinteiro] só vai trabalhar, fazer o que eu mando, né? (...) Se errar, quem errou fui eu, não foi ele, não é isso? (Mestre Zé Crente)

Outro aspecto que caracteriza o perfil de um Mestre é que ele acompanha todos os processos da construção da embarcação. Ele entende de todas as etapas e as administra. Acompanhei de perto a sua atividade e o que pude perceber é que nada parece escapar ao seu olhar atento:

(09) A pessoa que é Mestre conhece tudo [Falando sobre o processo de dar fogo na madeira, para curvá-la]... sempre o ajudante a gente não pode facilitar... aqui tá bom, aqui não tá... tem muito fogo, queima... já é conhecimento, é a prática do Mestre, né? (Mestre Waltinho).

Contudo, além desses aspectos mais gerais, e que ajudam a definir, digamos, o perfil de um Mestre carpinteiro naval, há alguns outros que julgo ainda mais interessantes para compreensão desse universo simbólico: a reverência à Arte; a transmissão do saber a outros, e o longo tempo necessário para atingir a condição de Mestre perante os demais membros da comunidade. Esses critérios já reduzem em muito o grupo de Mestres que ainda existe na região. Segundo eles mesmos, há bons carpinteiros, mas poucos Mestres:

(14) Tem pessoas que trabalham, não têm aquele certo *know-how*... fazem, né? A gente não pode criticar ninguém, tem que elogiar o seu trabalho. Mas dentro de um esquema de fazer aquilo que é bom, tem uns três ou quatro... (Mestre Waltinho)

Sobre isto, um caso interessante é o de Cláudio, o mais jovem carpinteiro entrevistado. Ele é o proprietário do estaleiro que herdou

³ A numeração que introduz as falas dos informantes segue a ordem em que figura no levantamento de dados constante do *corpus* da referida pesquisa.

do pai, e administra todas as etapas de construção de uma embarcação, com todas as responsabilidades envolvidas. É articulado e vê a profissão com um tino mais empresarial. Pergunto-lhe, então, já que é dono de seu estaleiro, se ele é um Mestre. Ele se mostra hesitante, até constrangido, em responder afirmativamente:

(15) Ainda não sou, mas... pretendo ainda chegar assim, dizer assim: agora eu tô mais qualificado em cima disso aí...

Eu lhe lembro o que me dissera numa outra conversa: que Mestre era quem fazia uma embarcação perfeita. Ele retruca:

(16) Eu faço também, mas não me considero...

As respostas do informante nos remetem para além do plano lingüístico (o conteúdo semântico da lexia 'Mestre'). Apesar de ele ter muita preocupação com a qualidade do seu trabalho, exercer liderança sobre o grupo, inclusive sobre outros membros da família que trabalham no estaleiro sob sua supervisão; embora tenha herdado o saber de seu pai, a ele faltam duas condições para preencher os requisitos que caracterizam, segundo outros depoimentos, um Mestre: a idade e o empenho no ensino da Arte, a transmissão do antigo saber.

Uma outra característica num Mestre, a reverência à sua Arte, é algo que se percebe em qualquer conversa que se entabule com os carpinteiros navais. Eles têm consciência de que é um saber difícil de ser adquirido e que é herança já de muitas gerações. Apesar de sofrerem com o declínio da atividade nos últimos anos, e com a ameaça de sua completa extinção, não é raro ouvir declarações que revelam o orgulho e o prazer que sentem pelo que fazem. Veja-se, por exemplo, o que diz Mestre Valmiro sobre um saveiro de carga que ajudou a transformar numa escuna, a Estrela D'alva:

(18) (...) tive o prazer de trabalhar nesse barco, uma das **escuna** mais bonita, tanto que saiu em revista e tudo!

Não foram poucos os que se iniciaram na Arte atraídos pelo apuro estético na construção das peças e do resultado final das embarcações.

Mas foi num depoimento de Mestre Waltinho que encontrei a definição mais completa do papel de um Mestre num estaleiro:

(23) Hoje a parte dos Mestres tão acabando, tá tudo quase igual. Mestre foi no começo nosso, que tinha respeito, mais idade, que ensinava a trabalhar. Um menino não fumava diante do Mestre, não bebia... Ia na rua, eu cuspi no chão: “Volta já!”. Tinha obediência, tomava até bolo⁴! Hoje não pode dar bolo... Ficava de castigo, né, pra forçar a aprender... Dava castigo mesmo, pra aprender a profissão...

Nessa fala desse Mestre, encontramos outro aspecto definidor de um Mestre: o *ensino*, a preocupação com a transmissão de seu saber às novas gerações. Eu diria que este é traço mais marcante no perfil de um Mestre: a preocupação com a perpetuação de sua Arte. E a angústia por não ter mais a quem ensinar e, por isso mesmo, ante-ter a morte de um saber centenário. A grande questão é a quem ensinar, já que as gerações mais novas não se interessam pela atividade:

(24) Hoje, praticamente, sumiu [os meninos nos estaleiros], porque antes, no tempo lá de Mestre Zezinho Galo foi quem mais ensinou, é porque na Gamboa todo mundo queria ir trabalhar com seu Zezinho, e é o lugar que mais teve carpinteiro; e são bom os carpinteiro que aprenderam lá. (Velho).

Graças ao fato de os Mestres, desde sempre, desempenharem o papel de formadores, a Arte se mantém até hoje. Embora ensinassem sob uma rigorosa disciplina, os carpinteiros ainda falam de seus Mestres com respeito e gratidão:

(26) Era como uma professora ensina um aluno, né? Naquela época na base da palmatória também (rindo)... Mas foi importante... a gente procura caprichar mais... (Mestre Valmiro).

⁴ Golpe dado na palma das mãos, com o intuito de castigar alguém. Normalmente, era utilizada uma espécie de colher achatada de madeira (palmatória) para aplicar o castigo.

Mas os Mestres estão desaparecendo e levando consigo os seus discípulos. Se examinarmos a amplitude semântica da designação Mestre, no universo dos carpinteiros, veremos que muitos traços já se têm enfraquecido por conta das mudanças no âmbito sócio-cultural: atualmente, os Mestres já não são procurados pelos pais para ensinar a Arte a seus filhos; já não têm a quem ensinar e seu amor à tradição de sua Arte tem sido ameaçado pelas imposições do pragmatismo da sociedade moderna. Por outro lado, os discípulos sumiram dos estaleiros buscando outras possibilidades na educação formal ou em atividades cujo retorno financeiro seja mais imediato.

Vimos que o emprego freqüente de uma palavra num sentido determinado, com uma determinada atitude, pode levar a uma mudança de significado – a evocação ou associação secundária pode ser interpretada como significado objetivo e substituí-lo. Não se trata aqui do conteúdo lingüístico da significação, mas de outra função da linguagem – da atitude em relação às coisas evocadas pelas palavras. Desse modo, o que reflete o uso ou o desuso das palavras é a mentalidade dominante em relação a elas. Na verdade, toda palavra que designe aspectos do mundo do homem e, em particular, da cultura e da sociedade, pode implicar associações com as crenças, sentimentos e ideologias da comunidade de fala.

Assim, confirma-se a antiga idéia de que os campos lexicais são tão dinâmicos quanto dinâmicas são as transformações por que passam, inevitavelmente, os grupos sociais sujeitos ao curso da história (Sapir, 1971; Geckeler, 1971; Martinet, 1975; Ullmann, 1987). Esse entrelaçamento dos signos está, portanto, subordinado a um complexo conceitual (que tenho tentado aqui descrever), cuja relação com o emprego efetivo de palavras está condicionada pelo sistema lingüístico (itens disponíveis no léxico específico); e pelas vivências dos sujeitos da particularíssima comunidade dos carpinteiros navais do Baixo Sul.

Muito provavelmente, essa configuração semântico-lexical seguirá a sua evolução sócio-histórica, assimilando tantas mudanças quantas sofrerem os sujeitos daquela comunidade de fala. Ao mesmo tempo, podemos surpreender indícios de suas complexas teias simbó-

licas, verdadeiras relíquias de formações sociais e usos linguísticos em vias de desaparecimento.

Bibliografia

- COSERIU, Eugenio, (1978), *Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística*, Conferência apresentada no I Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, João Pessoa, (Cópia mimeografada).
- DIAS, Denise Gomes, (2009), *Os segredos da Arte: um olhar etnolinguístico sobre os carpinteiros navais do Baixo Sul da Bahia*, Feira de Santana, UEFS Editora.
- DIAS, Denise Gomes, (2004), “Modos de dizer e modos de fazer: reflexões sobre linguagem e trabalho”, *Sitientibus*, n° 29, pp. 9-28.
- DURANTI, Alessandro, (1997), *Linguistic anthropology*, Cambridge, Cambridge University Press.
- FOLEY, William, (1997), *Anthropological linguistics. An introduction*, Oxford, Blackwell Publishing.
- GECKELER, Horst, (1971), *Semántica estructural y teoría del campo léxico*, Madrid, Gredos (Versión española de Marcos Martínez Hernández).
- MARTINET, André, (1975), *Elementos de lingüística geral*, São Paulo, Martins Fontes (Tradução para o português por Jorge Morais-Barbosa).
- SAPIR, Edward, (1971), *A linguagem. Introdução ao estudo da fala*, Rio de Janeiro, Acadêmica (Tradução para o português por Joaquim Mattoso Câmara).
- SAUSSURE, Ferdinand, [1916] (1987), *Curso de lingüística geral*, São Paulo, Cultrix (Tradução para o português por Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein).
- SILVA, Luiz Geraldo Santos, (1993), *Caiçaras e jangadeiros: cultura marítima e modernização no Brasil*, São Paulo, USP.
- ULLMANN, Stephen, (1987), *Semântica: uma introdução à ciência do significado*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian (Tradução por J. A. Osório Mateus).
- VELARDE, Manuel Casado, (1991), *Lenguaje y cultura: la etnolinguística*, Madrid, Editorial Síntesis.